

ESTUDOS AFRICANOS E ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: Digressões e Encruzilhadas

Marluce de Lima Macêdoⁱ

Os que estão mortos nunca se foram,
Eles estão na sombra que se aclara
E na sombra que se espessa.
Os mortos não estão sobre a terra;
eles estão na árvore que se agita,
eles estão no tronco que geme,
eles estão na água que corre,
eles estão na água que dorme,
eles estão na cabana, na multidão;
os mortos não estão mortos.

Birago Diopⁱⁱ

Resumo: Esse texto é uma reflexão produzida a partir da minha participação no Programa de Formação Inicial nos Estudos Africanos: História, Antropologia e Literatura, promovido pelo Centro de Estudos dos Povos Afro-índio-americanos – CEPAIA, através da Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação-PPG da Universidade do Estado da Bahia. Neste artigo apresento algumas reflexões sobre os Estudos Africanos e suas relações com o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, buscando explicitar o que tomo por “Estudos Africanos”, traçando relações entre estes e a formação de professores, analisando a relevância desses estudos nos processos de formação e como eles podem contribuir para ampliação das pesquisas e do ensino referentes às temáticas relativas às populações negras africanas e das diásporas. Palavras – chaves: Estudos Africanos; Ensino de história; Formação de professores.

Introdução

Esse texto é uma reflexão produzida a partir da minha participação no Programa de Formação Inicial nos Estudos Africanos: História, Antropologia e Literatura, promovido pelo Centro de Estudos dos Povos Afro-índio-americanos – CEPAIA, através da Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação-PPG da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Esse programa teve como público-alvo docentes da UNEB que realizam atividades de ensino e de pesquisa na área dos Estudos Africanos e Afro-brasileiros, desenvolvendo um conjunto de ações presenciais e realizando atividades à distância, coordenadas por professores e pesquisadores nacionais e estrangeiros - da UNEB e de outras Instituições de Ensino Superior.

Voltado para a formação e a pesquisa tal programa concentra-se nos campos da história, literatura e antropologia das sociedades africanas, buscando dialogar com as diversas formas de expressão do pensamento africano.ⁱⁱⁱ

A escrita que ora apresento se constitui numa análise que toma como referência os diálogos realizados nos módulos 1 e 2 desse curso, a saber: Módulo 1 - Curso de *Teorias e Métodos de pesquisa em História da África*, ministrado pelo Dr. Boubacar Barry, Professor da Universidade Cheik Anta Diop, Senegal; Módulo 2 - Curso de *Pensamento, Filosofia e Antropologia Africana*, proferido pelo Professor Severino Ngoenha, doutor em filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma e professor associado do Instituto de antropologia e sociologia da Universidade de Lausanne na Suíça.

Esses diálogos dizem respeito aos discursos e conteúdos apresentados pelos dois professores, mas estendem-se para além deles, incluindo as leituras dos textos de autores diversos (também os imagéticos), linguagens, performances e participações das(os) professoras(es) atrizes/atores.

Assim, realizo aqui num esforço interpretativo, uma tradução possível desses encontros, talvez enfatizando muito mais as problemáticas abertas por este, do que o aprendizado de um “conteúdo duro”, numa repetição inócua de discursos prontos.

Até porque me parece que o objetivo central dessa proposta ultrapassa a idéia de uma formação meramente esquemática – proposições a serem repetidas – mas, aponta para a abertura de um trabalho docente que ao produzir questionamentos a partir do domínio desse determinado campo de saber e de memória, possa produzir sobre o mesmo um discurso de autoria própria, levando em conta suas próprias experiências e conhecimentos.

Tomando isso como pressuposto, esse artigo apresenta algumas reflexões, ainda (e sempre) em construção sobre os Estudos Africanos e suas relações com o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em duas partes, a partir de algumas problemáticas sugeridas pela pauta desse curso:

Parte 1 – Estudos Africanos e Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira - emergências contextuais: O que são “Estudos Africanos”? Quais os fatores que têm impulsionado esse campo de Estudo no atual contexto brasileiro?

Parte 2 – Estudos Africanos e Formação de professores a partir da experiência do CEPAIA/UNEB - digressões e encruzilhadas: Porque os “Estudos Africanos” são relevantes para a formação de professores? Como eles podem contribuir para ampliação

das pesquisas e do ensino referentes às temáticas relativas às populações negras africanas e da diáspora?

Aqui inauguro o início de uma reflexão que pretendo dar continuidade e amplitude, porque certamente as questões trazidas pela mesma, traduzem não apenas uma necessidade contextual, mas um desafio colocado para nós professoras(es) e pesquisadoras(es) dessa temática.

1 - Estudos Africanos e Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira - emergências contextuais:

Quando me refiro aos “Estudos Africanos”, falo do legado africano presente e constitutivo não apenas da África, mas da humanidade. Estes estudos representam um campo de conhecimento interdisciplinar, referente à história, a cultura, a memória e a experiência dos africanos e afrodescendentes no mundo. Estudos sobre a África e as Diásporas Africanas nas redes complexas que as populações negras constituíram e nas quais foram constituídas.

Os “Estudos Africanos” não apenas permitem um mergulho sobre aspectos históricos, culturais do continente africano, mas também sobre as tradições herdadas deste. Tradições de saberes, dizeres, memórias, gravadas nos interstícios das histórias afrodescendentes, fundamentam pensamentos, resistências e construções: as luta anti-racistas, as tradições de oralidades e as contribuições que os intelectuais negros oferecem ao saber contemporâneo, são notórios exemplos.

Ao falar em “Estudos Africanos”, no entanto, não me refiro a qualquer produção sobre a temática – os “Estudos Africanos” a que me reporto, diz a respeito aqueles que buscam o aprofundamento das bases históricas, trazendo como protagonista o próprio povo negro, suas produções intelectuais, suas experiências cotidianas, suas memórias de dores e alegrias.

Desse ponto de vista desprezo os estudos ditos “africanos” que toma a África não só de um lugar exógeno, mas também preconceituoso, na reprodução de um discurso sobre a mesma que se tornou hegemônico, arquitetado por uma ideologia racista e positivista, enfatizando a existência de uma África “primitiva”, dependente e paralizada no tempo.

Os africanos e seus descendentes no mundo foram mostrados através de imagens distorcidas, empobrecidas, marginalizadas, como povos violentos, incapazes, fracionados numa diversidade irreconciliável – essas imagens, vistas de todos os ângulos evidenciam a ausência dos próprios sujeitos retratados na sua constituição, pois elas são incapazes de revelar a riqueza e a pluralidade das suas experiências históricas, vivenciadas nas suas diferentes culturas constantemente recriadas.

No entanto, conforme nos diz o professor Boubacar Barry: “Não se pode retirar de um povo a história que ele viveu na sua própria carne. Enquanto o homem vive, ele vive com sua história, ele vive com sua memória”. Assim, para ele o que explica falar da história africana hoje, é a sobrevivência dessa história.^{iv}

Ki-Zerbo (2006), referindo-se a História da África afirma a necessidade de refundar essa história a partir de uma matriz africana, observando como o processo colonizador atingiu também a esfera da pesquisa, de forma que a investigação histórica decidiu pela morte da história africana e que os africanos colonizados estavam condenados a endossar a história do colonizador. Segundo ele:

Foi por essa razão que nos dissemos que tínhamos de partir de nós próprios para chegar a nós próprios... procuramos novas fontes da história africana, particularmente a tradição oral...reconstruímos a História sobre bases que, embora não sendo especificamente africanas, são essencialmente africanas (Ki-Zerbo, 2006, p.15).

Pois é, os chamados “Estudos Africanos” deve ser entendido prioritariamente como uma criação de “nós próprios” – intelectuais/ativistas negras(os) – mas também uma necessidade no contexto atual, quando significativa parte da intelectualidade mundial, particularmente os intelectuais provenientes das experiências diaspóricas reivindicam a presença e importância da participação criativa das populações negras no construto da “modernidade”.

Esses intelectuais têm introduzido formas de pensamentos e proposições que tomam por base as construções e trajetórias próprias do povo negro, considerando os pontos de intersecção, de confluência, de disjunção e também de superação de uma unidade narrativa - que encerra todas as experiências humanas, naquelas preconizadas e constituídas hegemonicamente pela experiência branca ocidental e eurocêntrica - trazendo à tona outras possibilidades de discursos e interpretações/ações históricas.

No caso específico do contexto brasileiro, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e afro-brasileira em todos os níveis, conforme o instituído pela Lei 10.639/2003 e o proposto nas suas diretrizes curriculares busca orientar uma política curricular fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas e oriundas da realidade brasileira que combata o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Essas diretrizes propõem a divulgação e produção do conhecimento, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos do seu pertencimento étnico-racial. Tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias e manifestarem com autonomia seus pensamentos.

A emergência dessa Lei tem ampliado a discussão/produção acerca das temáticas relativas às populações negras, suscitando novos debates, programas, decisões/ações no cenário educacional brasileiro. O significado dessa Lei na produção, divulgação e intercâmbios das problemáticas contidas nessa temática, foi considerado pelo professor Barry, durante o curso de “Estudos Africanos” no CEPAIA/UNEB, entendendo que sua presença aqui (também de outros africanos), bem como as atividades realizadas pelos mesmos, já se constituíam em diálogos provenientes dos esforços no sentido de garantir a implementação da mesma.^v

Entendo dessa forma, que há uma relação inequívoca entre as demandas criadas por esse contexto, e que tanto essa realidade quanto as suas demandas são resultantes das reivindicações e contribuições históricas dos movimentos/ações protagonizadas pelas populações negras. Então nada mais legítimo que fazê-las emergir e legitimá-las, enquanto uma memória diferenciada daquela herdada do processo colonizador. Os “Estudos Africanos” certamente é parte indispensável desse momento.

2 - Estudos Africanos e formação de professoras(es) a partir da experiência do CEPAIA/UNEB - digressões e encruzilhadas

De uma maneira geral os “Estudos Africanos” devem ocupar um lugar privilegiado nos programas de formação de professores, independente de suas áreas disciplinares, porém é fundamentalmente importante para aqueles voltados para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira ou outras disciplinas/temáticas referentes às populações negras. Nesse sentido é que iniciativas como essa que está em curso no CEPAIA/UNEB, não só são bem-vindas como necessárias.

Todo o fazer preparatório do curso já prenunciava os horizontes de possibilidades que poderia nos trazer o mesmo: indicações e fornecimentos de leituras (livros, textos escritos, slides, vídeos) permitiram um contato mais aprofundado com as temáticas a serem discutidas; a abertura desse evento realizada num dia de estudos e debates consistentes com a coordenação e os demais participantes, além de ampliar os ângulos sobre a temática, abriram um leque de questões a serem respondidas, projetando para frente à necessidade de um maior encontro com esta.

Outro fator que considero relevante para o bom desempenho dessa experiência – aqui me refiro ao desempenho de todos os envolvidos nela – foi a sua quase concomitância com o I Seminário Internacional Áfricas: Historiografia Africana e Ensino de História, que trouxe contribuições e debates indispensáveis para esse campo, possibilitando a acumulação de informações relevantes sobre o mesmo, e mais que isso, reiterando o lugar estratégico dessas preocupações no momento atual.

Trago aqui um breve resumo das temáticas apresentadas e debatidas, nos módulos 1 e 2 do Curso sobre os “Estudos Africanos”, ministrados respectivamente pelos professores Boubacar Barry e Severino Ngoenha, para referenciar essa discussão.

O professor Boubacar Barry traz como foco central da sua apresentação a Historiografia da África - particularmente da África do Oeste, a Senegâmbia, mais próxima a “História Tradicional Africana”. Também faz uma revisão da “História Moderna da África”, considerada como a história herdada dos europeus.

Enfatiza a importância da tradição na transmissão da história, como uma das principais características da História Africana, observando que os historiadores se deram conta que a história oral é mais que uma fonte, passando a considerá-la também como um discurso histórico – um discurso codificado e múltiplo que permite ao historiador perceber as contradições e os silêncios existentes em todas as histórias. Atenta para a diferença entre tradição oral e história oral – a história oral toma a metodologia da tradição oral para escrever sobre os povos que não puderam escrever sobre suas próprias tradições.

Barry evidencia o papel das lideranças intelectuais negras, alertando como exercer a liderança intelectual é extremamente importante para todas as sociedades humanas. Fala das escritas de Seghor, Cesaire e Damas como os primeiros a valorizar a resistência do povo africano à dominação colonial, refere-se ao movimento da “Negritude” como um movimento que permitiu importantes mudanças na África

francófona. Ele diz: “Havia a necessidade de retirar a história da gaveta onde fora colocada e trazê-la para fora”.

Para ele, a história africana deve ser ensinada como parte da história universal e também inserida na história nacional. Entender a história africana significa entender, estudar a história das Américas.

Por fim faz uma crítica contundente a manutenção de fronteiras construídas no final do séc. XIX pelos colonizadores, enfatizando as questões geradas por fronteiras tão próximas e entrelaçadas. Diante disso elenca três desafios enfrentados pela África na atualidade: 1º - da fragmentação política; 2º - da fragmentação da consciência histórica africana; 3º - da fragmentação do saber (refere-se às diversas línguas oficiais).

Apresenta como opção para a África o fim desses Estados – Nações e diz que a partir de uma visão clara, nítida, do que foi a experiência histórica da África, a unidade nacional é o caminho a seguir.

No módulo 2, o professor Severino Ngoenha discorre sobre “Pensamento africano – epistemologias e africanidades. Inicia afirmando que não há homogeneidade ou convergência no pensamento africano. Apresenta uma visão tipológica da África em três tipos: 1º. África Cosmogônica; 2º. África Antropológica; 3º. África dos africanos.

Sobre a África Cosmogônica diz que nunca houve uma cosmogonia africana, mas uma diversidade de cosmogonias. Não considera as cosmogonias africanas um princípio capaz de ser dito como um pensamento africano, para ele, a Teologia, a Filosofia e o Direito, criaram a primeira cosmogonia do indivíduo africano

Faz uma crítica à Antropologia como uma ciência que remete um olhar exógeno aos povos africanos, afirmando que, apesar dessa perspectiva antropológica ter sido vulgarizada nos meios de comunicação, esse é um olhar que mostra a África como intrinsecamente negativa.

Para Ngoenha enquanto a Antropologia revela uma África “selvagem” e a Sociologia uma África fora da “mudança”, fora da História, a Sociologia tem os africanos como objeto, pois, para pensar é preciso ter substrato de pensamento – se pensarmos apenas sobre substrato de outros, não teremos construído pensamento. Essa segunda África é, portanto exógena, sem perspectivas internas. A África como objeto de reflexão, não sujeito.

A terceira África é a “África dos africanos” – aqueles que se consideram eles mesmos como africanos. A africanidade é vista como um processo de construção dos africanos, que são os próprios sujeitos dessa africanidade e os pan-africanos como “o

primeiro”, aquilo que reuniu os africanos no mundo inteiro. No entanto, para esse autor, a africanidade não nasceu na África, nasceu nas diásporas – as diásporas têm a oportunidade de olhar a África de longe. A terceira África, portanto, pensa a mesma em seu conjunto, considerando as dimensões espirituais e axiológicas. A terceira África começa com a apropriação seletiva do olhar exógeno e a criação da africanidade.

Um pensamento, portanto, só deve ser percebido nas circunstâncias da sua criação. O pensamento africano deve considerar as circunstâncias da escravidão – entendendo a escravatura como experiência de negação da humanidade do homem negro.

Propõe articular a busca da liberdade africana a partir de quatro perspectivas: Emancipação da escravatura; Integração Social; Autodeterminação.

Assim define como paradigma “essencial” do pensamento africano a busca da liberdade – e isso é o que todos os negros têm em comum:

Essa história comum da busca de liberdade, diante das circunstâncias comuns que nos submeteram ao longo dos séculos. Liberdade não significa apenas fazer o que se quer. Liberdade significa “pertencer”, ter o direito de viver. A liberdade são as condições para se fazer o que quer. (NGOENHA, 2009)^{vi}

Então ele interroga: A partir de que problemática nós voltamos “para trás”? Como o passado é interrogado? E completa: as questões não são históricas, são filosóficas. Devemos olhar o passado a partir de um postulado novo, e um postulado novo que propõe a liberdade.^{vii}

Esses debates aqui resumidos revelam uma maior complexidade e extensão na suas versões originais, ou seja, tanto no palco onde foram apresentados, no momento do curso, quanto nos trabalhos escritos dos seus autores e sem dúvida nenhuma trazem informações, reflexões e problemáticas extremamente valiosas para professoras(es) e pesquisadoras(es) da área de História e Cultura africana e dos afro-brasileiros.

Penso que tais debates são prenunciadores da importância dos “Estudos Africanos” para esses profissionais, desde que oferecem um campo de reflexão mais vasto, e não se reduzem a “conteúdos duros” e prontos para serem deglutidos pelos mesmos. Entendo também que esses estudos quando pensados/abordados nessas perspectivas instiga o(a) professor(a), provocando sempre no pesquisador a abertura de novas questões.

Além disso, os Estudos Africanos permitem o enveredar por diversos campos de saberes, fugir de um conteúdo histórico linear e puramente explicativo, na realização de diálogos interdisciplinares que possibilitem a compreensão da amplitude, diversidade e complexidade do legado e das construções africanas no mundo.

Para efeito de conclusão ou de início de uma conversa, acredito que os “Estudos Africanos” podem contribuir muito para a ampliação da pesquisa e do ensino de temáticas relativas, às populações negras da África e das diásporas: na abertura de temas, problemáticas e diálogos. No entanto, a grande novidade que eles apresentam é de alternativas de abordagens, de escolha de lugares: epistemológicos, ideológicos, metodológicos.

Vistos da forma apresentadas pelos professores supracitados, esses estudos nos mostram outras possibilidades de construção/representação do mundo e das humanidades presentes nele fora do modelo europeu e moderno. Produções materiais e intelectuais protagonizadas por outros sujeitos históricos que não são os brancos; sujeitos negros produtores de discursos e memórias.

E principalmente, revela que a presença africana na nossa história não é um texto que devemos decorar, não é um quadro fixo na nossa memória, não é uma sucessão de fatos lineares, nos quais de repente somos introduzidos. É também uma afirmação das nossas escolhas, das respostas que damos para nossas questões e do quanto conhecemos e validamos nossas memórias, escritas e não escritas.

Afinal como está dito no poema de Birago Diop, no início desse artigo: “os mortos não estão mortos”, ou pelo menos podem se levantar dos seus túmulos a qualquer momento.

ⁱ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e doutoranda no Programa de Pós-Graduação e Contemporaneidade dessa Universidade. marlucemacedo@yahoo.com.br

ⁱⁱ Birago Diop, 1906 – 1989. Poeta e contista senegalês, ativista e escritor no movimento da Negritude, foi um dos mais proeminentes escritores francófonos africanos.

ⁱⁱⁱ As informações foram retiradas do Programa de Curso dos Estudos Africanos, conforme projetado pela coordenação do mesmo.

^{iv} Curso de Formação em Estudos Africanos. CEPAIA/UNEB. 05/06/2009.

^v Na semana anterior ao curso ministrado pelo professor Boubacar Barry, no CEPAIA/UNEB, aconteceu também na UNEB a o I Seminário Internacional Áfricas: Historiografia Africana e Ensino de História, realizada pela UNEB/CEPAIA, UDESC e Casa das Áfricas, de 28 a 30 de maio de 2009, com a presença de vários intelectuais africanos de diferentes áreas de conhecimento.

^{vi} Anotado conforme suas palavras, no curso de Formação em Estudos Africanos. 08/06/2009.

^{vii} Todas as informações foram retiradas das anotações realizadas pela autora durante o desenvolvimento dos cursos proferidos pelos professores.